

CRISE E RECONSTRUÇÃO NOS ESPAÇOS COLONIAIS *

Tarcísio Vanderlinde¹

Resenha do livro: *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no oeste do Paraná (1940/70)*, de Valdir Gregory, Cascavel, Editora da Unioeste, 2002, 266 páginas.

Uma das preocupações de Valdir Gregory, ao abordar a saga dos migrantes eurobrasileiros na formação do espaço colonial no oeste do Paraná, foi perceber como estes espaços se formam, entram em crise e, posteriormente, se reconstruem. Sinto-me na obrigação de traçar algumas considerações sobre a história escrita por Valdir Gregory, por me considerar um leitor privilegiado de suas idéias, ainda antes de se transformar numa tese de doutorado. Porém esta obrigação se reveste de prazer. A história dos brasileiros descendentes de alemães, italianos e outras nacionalidades, que foi defendida inicialmente por Gregory, na forma de tese doutorado na Universidade Federal Fluminense, em 1997, passa, agora, a ficar à disposição dos leitores numa publicação da Editora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Antes de se tornar livro, o texto de Gregory já era consagrado no meio acadêmico, servindo de referência a estudantes e aficionados da temática escolhida pelo autor para escrever sua história. A saga dos eurobrasileiros contada por Gregory não é apenas mais um livro sobre a história recente do Oeste do Paraná. Na verdade, pela qualidade intelectual que apresenta, o autor não apenas preenche uma lacuna existente no universo da historiografia brasileira, mas enriquece singularmente o saber produzido no e para o oeste do Paraná.

No que tange à documentação que fundamenta seu escrito, ressalte-se o esforço do autor em selecionar e trabalhar reflexivamente uma variada gama de fontes. O resultado foi uma obra que certamente não interessará somente aos historiadores e ao público acadêmico. Esta parece ter sido a intenção de Gregory. O leitor interessado poderá constatar a afirmação, ao ler o texto construído por ele.

O texto pesquisado e escrito divide-se em quatro capítulos. Inicialmente, destaca a atuação dos eurobrasileiros na construção dos espaços coloniais no sul do Brasil. Neste contexto, a subsistência era garantida pela posse da terra, que representava o espaço vital que

* Resenha recebida em julho de 2002 e aceita para publicação em setembro de 2002.

¹ Professor do Colegiado de Geografia da Unioeste, Campus de Marechal Cândido Rondon, PR. Doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Envolve-se com o tema de pesquisa: *As dores da Modernidade*.

cada agricultor tinha que conquistar para pertencer à comunidade e reproduzir aí a unidade camponesa. Gregory informa que estes colonos policultores e de cultura e mentalidade coloniais, tornaram-se os migrantes que foram povoando as fronteiras agrícolas que se lhes apresentavam nos diferentes espaços e nos diferentes tempos e de acordo com a exigências das estruturas e das reestruturas das realidades locais, nacional e internacional. O contexto europeu do século XIX, que provoca as migrações para a América, e a dinâmica da formação dos espaços coloniais nacionais no Rio Grande do Sul e Santa Catarina são analisados neste capítulo.

O segundo capítulo volta-se para a dinâmica da construção do espaço colonial no Paraná. Percebe-se aí, como parceiros de empreitada, interesses estatais e privados. A atenção se volta para o oeste do Paraná, depois dos anos 30. A atuação do Estado aconteceu no contexto geopolítico da *Marcha para o Oeste* e a atuação do poder privado dava-se de duas formas – uma, mais ampla, através da presença indireta do Estado, fazendo pressão sobre ele, e outra, de forma direta e localizada, através de empresas extrativistas e colonizadoras.

O terceiro capítulo é dedicado ao estudo do espaço colonial, construído sob a atuação da Companhia Colonizadora Madeireira Rio Paraná Ltda. – MARIPÁ. Esta companhia, com sede em Porto Alegre, adquiriu, em 1946, no oeste do Paraná, as terras da Fazenda Britânia. Gregory relata, então, como a empresa projetou, organizou e estruturou o espaço da colônia. As preocupações da Colonizadora com a seletividade dos colonos que viriam a povoar as terras foi uma das que o autor apresenta com base em documentos coletados junto ao escritório da empresa, depoimentos dos colonos pioneiros e dos agentes de terra. Além do considerável arcabouço bibliográfico, Valdir Gregory se apoiou em relatórios e planos de ação de empresas colonizadoras, documentos oficiais e cartoriais, fontes jornalísticas, textos de época e depoimentos orais. Conforme observação de Ismênia de Lima Martins², a relevância da pesquisa documental no trabalho de Gregory só é superada pelas análises e pelas articulações que o autor promove de forma instigante no seu livro.

No capítulo final, analisa a fronteira e o espaço colonial em crise, provocada pela intervenção das instâncias públicas e privadas que implementaram o processo de modernização na agricultura, no contexto da internacionalização do mercado. O colono sofre o forte impacto da modernização agrícola. De um policultor de subsistência para um mercado próximo, é forçado a tornar-se um produtor especializado, vinculado ao mercado internacional, cheio de artimanhas, comandado pelas oscilações das bolsas de valores. Esta metamorfose também afeta duramente as representações do agricultor na sua cultura de colono-camponês, que conseguia, até então, reconstruir-se periodicamente nos novos espaços coloniais. Com a crise, a utopia do espaço colonial entra em colapso e o colono se esforça para encontrar alternativas de sobrevivência e de reprodução, enquanto colono-agricultor.

A história começa com a discussão sobre o espaço colonial, buscando seus elementos constitutivos nos anos 40, e avança até os anos 70. O autor trata de questões específicas da colonização do Paraná, destaca o *modus operandi* de uma empresa colonizadora e percebe o cotidiano colonial a partir da perspectiva desta e do vivido pelos colonos. O texto termina abordando a realidade dos colonos diante do fenômeno da modernização agrícola, que impacta profundamente o cotidiano do migrante após a segunda metade dos anos 60. O cerco da modernização corrói o estilo de vida tradicional do colono, que se vê obrigado a construir novas instituições e novas representações.

Gregory resume a ótica que sustenta sua tese em diversos teóricos, entre os quais Jörn Rüsen e Carlo Ginzburg. Neste caso, salienta que a concepção de história, que não mais prioriza processos abrangentes de evolução e construções estruturais amplas, assume espaços sempre mais consideráveis. A micro-história é exposta lado a lado com a macro-história. Muitas *histórias pequenas* têm seu sentido em si mesmas. A atenção se volta para

² Professora Doutora Ismênia de Lima Martins, Historiadora da UFF, RJ.

acontecimentos particulares. A segurança quanto à racionalidade da vida humana não é mais tão consistente e se passa às descrições densas e localizadas no micro de condições reais de vida. É tendo esta idéia em mente que o historiador-colono constrói sua história. Helena Mueller, considerando a perspectiva como Gregory construiu seu texto, destaca:

Recuperar a memória familiar através da escrita da história é uma tarefa fascinante e árdua ao mesmo tempo. Há que se manter distante e sem se envolver profundamente com o objeto de nossas pesquisas sem, no entanto, nos mostrarmos tão distantes a ponto de fazermos de nós mesmos, estrangeiros na própria terra. Valdir Gregory, em seu trabalho sobre os eurobrasileiros imigrados para o Rio Grande do Sul como sua família - consegue adequar seu trabalho de tal forma que produz um texto acadêmico em seu pleno sentido³.

A leitura do livro escrito por Gregory é uma tarefa incontornável para quem quer saber o que aconteceu no oeste do Paraná nas décadas de 1940 a 1970. Para quem ali mora, desde os “tempos pioneiros”, causa uma imensa satisfação ver este livro publicado.

³ Professora Doutora Helena Isabel Mueller. Historiadora da UFF, RJ, orientou a tese de Valdir Gregory.